

Vila Rubim

Vila

Dificuldades não afastam freqüentador da Vila Rubim

Os comerciantes reclamam muito que são tratados como cartas de baralho, descartáveis, e que estão cheios de políticos que só prometem melhorar o Mercado em tempos de eleições e depois desaparecem. Na pequena feira, as balanças usadas ainda são antigas e muitas foram substituídas por pequenas bacias

JACQUELINE VITÓRIA

CENA CAPIXABA

Consideram os teólogos que idéias de "céu" e de "inferno" geralmente implicam a sobrevivência da alma, como entidade distinta do corpo. Fazendo uma apologia, o Mercado da Vila Rubim, centro da Capital, viveu época de glamour, seguidos de anos de decadência. E hoje? "Ela tem alma", responde com sabedoria Alice Ramos, 75 anos, freqüentadora assídua do mercado e moradora da área há mais de 40 anos.

O espaço, diferentemente de outros mercados do país, não sofreu aquele tipo de febre terça - volta e meia ataca os habitantes da cidade que vivem redescobrimo o lugar. Mas os antigos mantêm tradicionalmente o hábito de prestigiar o comércio. Fregueses desde os tempos em que a pedra preciosa "rubi" era "rubim", os freqüentadores do mercado da Vila garantem que havia de tudo ou quase tudo.

Um lugar que sempre misturou o sacro e o profano, sem a menor cerimônia. De plantas ornamentais a ervas medicinais, alimentos, roupas, sapatos e muitos artesanatos até atividades contraventoras, como o jogo do bicho, a Vila Rubim abriga os velhos galpões, que possui a marca do tempo, espaços destruídos por incêndio e a mágoa dos comerciantes.

BARALHO - "Somos tratados, assim como os pobres, como carta de baralho, poucas valem pontos e a maioria é apenas para embaralhar. Nós somos estas últimas. Não há na história das eleições nenhum exemplo de candidato que esteve aqui no local, prometeu dar cara nova ao mercado e após ganhar a eleição tenha cumprido a pro-

lado de cana, pimenta e colorau moídos na hora, mel, dentre outros produtos.

As barracas mantêm muitos produtos tradicionais. "Aqui temos bucha para banho, aquele que tira a caraca do corpo, temos pimenta da roça que arde até a alma, queijo curado e a cura para muitas doenças, que são as ervas medicinais", orgulha-se o presidente da Associação dos Barraqueiros da Praça Manuel Rosindo da Silva, Benedito Sales Rodrigues, dono de uma das barracas que vendem ervas.

ABORTO - Um antigo livro, Plantas Curam - o nome do autor está apagado - é o guia de Benedito. "Aprendi tudo sobre as plantas com meu pai, que era o proprietário desta barraca. Este livro o acompanhou durante anos e hoje ele me orienta", disse. Benedito nega que receita ervas para seus clientes. "Eles já chegam aqui sabendo o que querem comprar", garante.

Dentre as ervas mais vendidas, como citou, está a bucha paulista. "Ela é boa para curar sinusite. Mas muitas pessoas falam que tomam para fazer aborto. Mas elas chegam aqui e não falam para o que querem a erva, então não sei se a bucha está sendo utilizada para a sua real finalidade", ressalta.

Ainda na pequena feira, praticamente todas as balanças são antigas. Muitas são substituídas por bacias. "Cada bacia eu coloco três abacaxis, ou quatro mamões, ou um punhado de quiabo e uso uma lata de óleo para vender as jabuticabas. Os fregueses saem bem servidos", garante o funcionário de uma das barracas.

PROGRESSO - À moda antiga, a co-



CENA CAPIXABA

Consideram os teólogos que idéias de “céu” e de “inferno” geralmente implicam a sobrevivência da alma, como entidade distinta do corpo. Fazendo uma apologia, o Mercado da Vila Rubim, centro da Capital, viveu época de glamour, seguidos de anos de decadência. E hoje? “Ela tem alma”, responde com sabedoria Alice Ramos, 75 anos, frequentadora assídua do mercado e moradora da área há mais de 40 anos.

O espaço, diferentemente de outros mercados do país, não sofreu aquele tipo de febre terça – volta e meia ataca os habitantes da cidade que vivem redescobindo o lugar. Mas os antigos mantêm tradicionalmente o hábito de prestigiar o comércio. Fregueses desde os tempos em que a pedra preciosa “rubi” era “rubim”, os frequentadores do mercado da Vila garantem que havia de tudo ou quase tudo.

Um lugar que sempre misturou o sacro e o profano, sem a menor cerimônia. De plantas ornamentais a ervas medicinais, alimentos, roupas, sapatos e muitos artesanatos até atividades contraventoras, como o jogo do bicho, a Vila Rubim abriga os velhos galpões, que possui a marca do tempo, espaços destruídos por incêndio e a mágoa dos comerciantes.

BARALHO – “Somos tratados, assim como os pobres, como carta de baralho, poucas valem pontos e a maioria é apenas para embaralhar. Nós somos estas últimas. Não há na história das eleições nenhum exemplo de candidato que esteve aqui no local, prometeu dar cara nova ao mercado e após ganhar a eleição tenha cumprido a promessa”, garante um dos comerciantes mais antigos do local, Roque Rasseli, dono da loja Casa dos Milagres.

Esperar por milagres nunca foi o forte de outro comerciante da área, Marcos Vinícius Datarez, proprietário do Mercado Vila Rica. Acredita que são os comerciantes que devem trabalhar para melhorar o comércio local. O pai Gisto Tavares, 70 anos, abriu um pequeno comércio há mais de 35 anos, vendendo apenas condimentos. “Hoje vendemos de tudo, modernizamos e ampliamos a loja e mantivemos e fizemos nova freguesia”, afirmou.

TRADIÇÕES - A Praça Manuel Rosindo da Silva, que faz parte do mercado, foi totalmente escondida por barraquinhas de madeiras cobertas por lonas, cuja despadronização não parece combinar com as camisas padronizadas e usadas pelos comerciantes filiados à associação da categoria. O visual na Praça chega a receber inclusive críticas dos próprios barraqueiros. “Isto é feio demais. Mas a Prefeitura de Vitória parece não ter interesse em ajudar os pequenos comerciantes”, lamentou Agnaldo Gonzaga dos Santos, que vende rapadura, me-

lado de cana, pimenta e colorau moídos na hora, mel, dentre outros produtos.

As barracas mantêm muitos produtos tradicionais. “Aqui temos bucha para banho, aquele que tira a caraca do corpo, temos pimenta da roça que arde até a alma, queijo curado e a cura para muitas doenças, que são as ervas medicinais”, orgulha-se o presidente da Associação dos Barraqueiros da Praça Manuel Rosindo da Silva, Benedito Sales Rodrigues, dono de uma das barracas que vendem ervas.

ABORTO – Um antigo livro, Plantas Curam – o nome do autor está apagado – é o guia de Benedito. “Aprendi tudo sobre as plantas com meu pai, que era o proprietário desta barraca. Este livro o acompanhou durante anos e hoje ele me orienta”, disse. Benedito nega que receita ervas para seus clientes. “Eles já chegam aqui sabendo o que querem comprar”, garante.

Dentre as ervas mais vendidas, como citou, está a bucha paulista. “Ela é boa para curar sinusite. Mas muitas pessoas falam que tomam para fazer aborto. Mas elas chegam aqui e não falam para o que querem a erva, então não sei se a bucha está sendo utilizada para a sua real finalidade”, ressalta.

Ainda na pequena feira, praticamente todas as balanças são antigas. Muitas são substituídas por bacias. “Cada bacia eu coloco três abacaxis, ou quatro mamões, ou um punhado de quiabo e uso uma lata de óleo para vender as jabuticabas. Os fregueses saem bem servidos”, garante o funcionário de uma das barracas.

PROGRESSO – À moda antiga, a comerciante Rosa da Silva Gomes, 49 anos, vende café moído na hora. A máquina é elétrica. “Temos que progredir”, brinca. O café, faz questão de destacar, é oriundo do interior de Guarapari, Bahia Nova. “Eu trabalhava com meu cunhado, quando sua loja pegou fogo no último incêndio dos galpões na Vila Rubim. Para não ficar desempregada, a dona deste estabelecimento – Casa do Alho – me cedeu parte do espaço para vender o meu café”, conta Gomes.

Melhorar de espaço físico é o que estão aguardando os cerca de 80 vendedores de peixe da Vila Rubim. “Estou no mercado desde 1961 comercializando peixe e dentro de aproximadamente 20 dias, vamos mudar para um espaço bem maior que está sendo construído, ao lado, pela Prefeitura de Vitória. “Estamos progredindo”, festeja Aderildo Lopes.

A maioria dos comerciantes mora em outros bairros da Grande Vitória. E trabalham dentro da política da boa vizinhança com os moradores do local. “Eles é quem asseguraram o nosso pão de cada dia”, atesta o comerciante Alfredo Dias.



Nestor Müller

ALMA

Alice Ramos, aos 75 anos, não abre mão de fazer suas compras no Mercado da Vila Rubim. Para ela, o local perdeu o ‘glamour’, mas não a alma

Morador conserva o hábito de compras

O mercado da Vila Rubim sobrevive em meio à vontade dos moradores, comerciantes e da própria população. Basta passar uma manhã no local para conferir. A viúva Cristina de Freitas Loureiro, 68 anos, mora na Ilha do Príncipe, há mais de 40 anos, não quebra a rotina. “Todos os sábados venho aqui e compro meus alimentos para a semana”. Os preços são em “conta”, afirma, garantindo que poucas foram as vezes que entrou em um supermercado.

Com a renda de um salário mínimo, revela ainda que pagar passagem para fazer compras pesa no orçamento. “Aqui tem de tudo um pouco. Não preciso de nada mais do que se vende aqui”, assegura. Também freguesa antiga, Alice Ramos, 75 anos, todos os sábados pela manhã bate o ponto no mercado. Morana nas proximidades. A tradicional sa-

cola de feira faz parte da ida às compras. De um lado a sacola, do outro uma bengala de ferro, ela conta que tem problemas de saúde. “Mas ainda tenho o prazer de poder frequentar o mercado”, ressalta.

Mostrando toda a sua experiência, dona Alice, como é conhecida pelos comerciantes, critica a falta de apoio dos órgãos públicos aos comerciantes da área. Lembra e cita os nomes de vários políticos que fizeram promessas de melhoria para o local. “Eles vêm aqui e depois desaparecem”. E completa, como se fosse o seu próprio consolo, “não tem problema, a Vila é feia mas faz bem à saúde. É como um remédio ruim”.

Do time dos antigos frequentadores do mercado, o aposentado Vantílio Gregório, 89 anos, residente em Cariacica, disse que nunca abandonou a Vila Rubim. “Faço compra até

de remédio neste local, compro também ervas medicinais. Vamos viver mais que os atuais jovens porque os alimentos que existem aqui são mais saudáveis. Hoje o pessoal quer comer só porcaria e com produto químico. As pessoas precisam saber comer. O homem morre pela boca”, disse sorrindo.

BOM-DIA – O pedreiro Waldemar Hoffmann, morador em Caratoira, só compra carne na Vila Rubim. “Eu gosto de ver a carne e não gosto daquelas que já vêm embalada. A qualidade da carne neste mercado é muito boa”, considera. Concorde com Hoffmann a dona de casa Maria da Penha de Mendonça Lima, 55 anos. “Nos supermercados eles embalam as carnes e você não consegue visualizar direito se a carne está boa”, reforça.

O perfil da maioria dos consumidores da Vila Rubim tem a ver com a qualidade de vida que compartilharam há muitos anos. São pessoas que passam por algum estranho e dizem “bom-dia”. Gostam do contato com os jovens e dos antigos amigos e, principalmente do respeito humano. “Os próprios funcionários das lojas gostam de ouvir nossas histórias. Eles nos dão atenção”, revela Bento Oliveira de Assis, que estava em um açougue contando piadas.

O mercado mantém poucas árvores, e elas não são suficientes para amenizar os efeitos do trânsito. Mantém um banheiro público que não atende à demanda. Na verdade, a falta de investimentos no local não só atinge os frequentadores e comerciantes, mas toda a população de Vitória, já que faz parte do acesso de entrada da Capital.